

## **AIYÊ - COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO QUILOMBOLA EM RIO DOS MACACOS<sup>1</sup>**

### **AIYÊ - COMMUNICATION AND QUILOMBOLA MOBILIZATION IN RIO DOS MACACOS**

Juliana César Nunes<sup>2</sup>  
Dione Oliveira Moura<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa analisar de que forma a comunidade quilombola de Rio dos Macacos, na Bahia, utiliza processos comunicacionais, articulados com ações de mobilização e visibilidade para agendar os meios de comunicação e lutar pelo direito ao território (Aiyê - terra em Yorubá). O trabalho em questão se baseia em dissertação de mestrado defendida em 2013 por uma das autoras (NUNES, 2013), sob a orientação da outra, professora doutora Dione Oliveira Moura. Por meio da análise de estratégias comunicativas e de mobilização, constatamos que os processos comunicacionais empreendidos em rede pela comunidade quilombola de Rio dos Macacos têm o potencial de diversificar as vozes do debate público e conduzem a um cenário de visibilidade mediada mais democrático.

**Palavras-Chave:** Quilombolas. Comunicação. Mobilização. Visibilidade. Diversidade.

**Abstract:** This article aims to analyze how the quilombola community of Rio dos Macacos, in Bahia, uses communication processes, articulated with actions of mobilization and visibility to schedule the media and defend the right to territory (Aiyê - land in Yoruba). The work in question is based on a master's thesis defended in 2013 by one of the authors (NUNES, 2013), under the guidance of the other, professor Dione Oliveira Moura. Through the analysis of communicative and mobilization strategies, we verified that the communication processes undertaken in a network by the quilombola community of Rio dos Macacos have the potential to diversify the voices of public debate and lead to a scenario of more democratic mediated visibility.

**Keywords:** Quilombolas. Communication. Mobilization. Visibility. Diversity.

---

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociedade Civil do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), de 15 a 17 de maio de 2019.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

<sup>3</sup> Professora doutora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

## 1. Introdução

A presença da população africana no Brasil é marcada por uma trajetória de luta e resistência. Dados oficiais indicam que cerca de 40% dos africanos forçosamente retirados de seu continente para as Américas tiveram como destino o território brasileiro (MOURA, C., 1987, p. 7). A historiografia não consegue precisar, mas estima-se em quatro milhões o número de traficados para o Brasil, entre 1520 e 1850, de acordo com o geógrafo Rafael Sanzio Araújo dos Anjos (ANJOS, 2010, p.13). Alguns estudos chegam a mencionar 15 milhões de africanos escravizados no país, uma vez que muitos deles eram contrabandeados, até mesmo após a abolição, em 1888 (MOURA, C., 1987, p.7).

Um dos maiores crimes contra a humanidade arrastou homens, mulheres e até mesmo crianças para fazendas, minas e áreas de extrativismo, onde eles vivenciaram condições sub-humanas de trabalho e eram frequentemente violentados. O sociólogo Clóvis Moura destaca que os “senhores” estabeleceram uma estratégia de dominação ideológica ao afirmar que os escravos, por serem negros, eram inferiores, e por serem inferiores, eram passíveis de serem escravizados (MOURA, C., 1987, p.10). Estava lançado o pilar do racismo que até hoje persiste na sociedade brasileira.

Mesmo separados de suas famílias e grupos étnicos, africanas e africanos criaram novos laços e recorreram a diversas formas de resistência, como guerrilhas, insurreições urbanas e quilombos. Esta última forma de resistência social possui referência em uma expressão africana (banto) que remete a habitação. Na região central da Bacia do Congo, quilombo também significa lugar para estar com Deus. Para o reino de Portugal, no final do século XVI, quilombo era toda e qualquer “habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados, nem se achem pilões neles” (MOURA, C., 1987, p.11).

Esses territórios reuniram milhares de africanos e seus descendentes, permanecendo habitados após a abolição da escravatura. Os quilombos se tornaram “uma referência no campesinato negro, de povos de matriz africana que conseguiram ocupar uma terra e manter uma autonomia política e econômica” e em uma visão mais contemporânea são considerados como um “território étnico capaz de se organizar e

se reproduzir no espaço geográfico de condições adversas, ao longo do tempo e com resistência para a manutenção da sua forma particular de viver” (ANJOS, 2011, p.18).

No final do século XIX, as comunidades remanescentes de quilombos se transformaram em sinônimo de luta contra a opressão e adquiriram uma mística que alimentou o sonho de liberdade dos afrodescendentes<sup>4</sup> em processo de autoafirmação étnica, conforme reflexões da historiadora Beatriz Nascimento (NASCIMENTO, B., apud RATTZ, 2007, p.125). Na atualidade, os quilombolas – aqueles que habitam territórios remanescentes de quilombo – seguem em luta pela titulação de suas terras, contra o racismo, pela autoafirmação cultural e pelo acesso a políticas públicas de saúde, educação e desenvolvimento agrário.

Um dos instrumentos de enfrentamento aos senhores do poder na modernidade tem sido a comunicação, em que pese ser também esta uma esfera de reprodução de perversidades, porém com potencial para ser apropriada a “serviço de uma comunicação imaginosa e emocionada, atribuindo-se, assim, um papel diametralmente oposto ao que lhe é hoje conferido” (SANTOS, 2001, p.167). Em *Por uma outra Globalização*, o geógrafo Milton Santos classifica os sistemas de informação como fundamento de um mundo globalizado que prima pela produção de um discurso único, mas que ao mesmo tempo possui tecnologias, técnicas, linguagens, fluidez e velocidade disponíveis para a produção de um “novo discurso, de uma nova metanarrativa, um novo grande relato”, que possibilitam escrever uma nova história (SANTOS, 2011, p.21).

A pesquisa que resultou neste artigo buscou refletir sobre como os quilombolas e sua rede de parceiros desenvolvem processos comunicacionais articulados com atividades de mobilização, visibilidade e empoderamento, visando justamente à escrita de uma nova história. Ao definir este objetivo geral levamos em conta os processos comunicacionais como um conjunto de ações destinadas a produzir, difundir e intercambiar informações, sentidos e reivindicações. São processos

---

<sup>4</sup> Para o presente artigo, são considerados grupos sociais afrodescendentes aqueles constituídos por pessoas e/ou famílias descendentes de africanos e que se autodeclaram/organizam como tais, em busca do resgate de suas origens e da garantia de direitos sociais. Também nessa perspectiva, entendemos que as comunidades quilombolas são afrodescendentes e se caracterizam por ocuparem terras de usufruto coletivo a partir da resistência à escravidão ou mesmo logo após a abolição (MOURA, G., 2012).

“vinculados às inovações tecnológicas”, “mediados pelos meios de comunicação e atrelados à evolução das sociedades contemporâneas” (GERALDES; SOUSA, 2009, p.20).

## 2. Referencial teórico

Partimos do pressuposto que formas emergentes de comunicação podem fortalecer práticas políticas contra-hegemônicas e consideramos esse um importante desafio a ser enfrentado pelos pesquisadores e pesquisadoras das áreas de Comunicação Social e domínios afins. Neste complexo cenário, uma das referências acadêmicas a qual recorreremos é o sociólogo francês Pierre Bourdieu. Em diversos textos e conferências, Bourdieu propõe a reorientação do olhar dos pesquisadores da área de Ciências Sociais para novos fenômenos de produção simbólica.

A obra de Bourdieu afirma-se como um instrumento de revitalização do pensamento ao sugerir, por exemplo, o estudo de como a produção e o consumo de “fotografia, livro ou pintura contribui para valorizar as práticas de grupos sociais constituídos nos atos de apropriação de tais objetos culturais” (BOURDIEU, 1998, p.2).

Outra referência importante para esta investigação é o pensamento do jornalista e sociólogo Muniz Sodré de Araújo Cabral, para quem a *internet* se configura como integrante do “bios midiático”, uma espécie de quarto âmbito existencial (CABRAL, 2010) no qual novos atores sociais podem atuar com efetividade, desde que mantenham elos com a ação coletiva em outros espaços presenciais.

A partir destas e de outras referências, lançamos um olhar sobre a produção e partilha de textos, imagens e materiais audiovisuais por comunidades quilombolas e sua rede de parceiros, visando investigar se nestes processos comunicacionais estes grupos fortalecem suas práticas políticas. Enquanto minorias políticas, historicamente marginalizadas, esses grupos tentam reestruturar uma memória construída a partir de não-ditos (MOURA D, 1990), esquecimentos e silenciamentos (ORLANDI, 1997). Atuar no processo de construção da notícia, seja em veículos próprios de comunicação comunitária seja no diálogo com as empresas privadas e públicas de comunicação, tem se constituído como estratégia para recuperação de uma memória

coletiva, representando um elo de ligação entre o passado e o presente, projetando o futuro.

A lembrança de fatos passados sobrevive de forma frágil na memória de uma comunidade que corre o risco de desaparecer. A afirmação da história de um grupo social, no entanto, permite que a identidade e os objetivos comuns sejam reafirmados na atualidade. Esse processo pode ocorrer, inclusive, por meio de produções cinematográficas que retratam biografias individuais. Moura D. (1990) descreve e contextualiza filmes de cineastas negros como Zózimo Bulbul e Joaquim Teodoro como “espaços de construção de identidade” por inserirem “as memórias individuais no contexto da memória coletiva da raça negra no Brasil”.

A partir da década de 1990, a afirmação negra passou a ocupar outros espaços de construção da identidade. A *internet* permitiu que produções escritas e audiovisuais da comunidade negra brasileira se tornassem visíveis, uma vez que a maior parte dos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão historicamente não garantiam essa representação (MOURA D., 1990; PINTO A., 2010; CLAVELIN, 2011). Atualmente, grupos negros urbanos, rurais e comunidades quilombolas atuam cada vez mais de forma conjunta nos novos e tradicionais espaços midiáticos (CALHEIROS, 2009; GUTIERREZ, 2009; OLIVEIRA, 2009; TESSAROTTO, 2009).

### **3. Procedimentos metodológicos**

A metodologia que adotamos para a confecção da pesquisa que originou este artigo consistiu em uma primeira etapa de revisão bibliográfica. Foram reunidas referências nas áreas de memória e identidade, cultura, comunicação, jornalismo, novas mídias, movimentos sociais e participação política. Em seguida, a partir dessa revisão bibliográfica, definiu-se como grupo afrodescendente a ser investigado as comunidades quilombolas rurais.

A partir dos objetivos gerais e específicos, decidimos fazer um estudo exploratório e aplicar um pré-teste em lideranças quilombolas, contactadas por pertencerem a comunidades que estão a frente da Coordenação Nacional da Comunidades Quilombolas (Conaq) e/ou possuem protagonismo em atividades de comunicação.

Tendo em vista a análise das respostas dos entrevistados, o referencial teórico foi ampliado e as questões de pesquisa sintetizadas. Decidimos realizar uma pesquisa de campo de natureza aplicada, com abordagem qualitativa, fins exploratórios e utilização de entrevista semiestruturada, além de conversas e observação empírica, visando o entendimento das articulações e processos comunicacionais empreendidos por uma comunidade quilombola rural, sem acesso a energia elétrica ou internet, mas com visibilidade nacional e internacional por meio de meios alternativos e tradicionais, a saber a comunidade de Rio dos Macacos, na Bahia.

Para as entrevistas de campo, foram escolhidos moradores mais velhos e lideranças da comunidade, além de pessoas apontadas pelo próprios quilombolas como representantes de organizações fundamentais para as ações de mobilização e comunicação. As entrevistas ocorreram a partir de perguntas gerais orientadoras, reformuladas e alteradas no decorrer dos encontros.

A partir das informações e documentos obtidos em campo, buscamos fazer um histórico da comunidade – tanto do ponto de vista de luta e resistência territorial, como do ponto de vista de ações recentes de enfrentamento político. As entrevistas foram destrinchadas a partir dos referenciais da análise de conteúdo por categorias temáticas, visando o desmembramento do texto para uma compreensão mais aprofundada dos depoimentos, bem como a realização de inferências sobre os processos descritos.

#### **4. Pesquisa de campo**

A comunidade quilombola Rio dos Macacos, escolhida para a pesquisa de campo, possui uma trajetória histórica de cerca de 150 anos e cinco gerações. Suas origens e processo de formação ainda são pouco documentados. Em geral, a comunidade é mencionada superficialmente em pesquisas sobre o Recôncavo Baiano. Tal especificidade fez com que as principais fontes documentais da pesquisa que deu origem a esse artigo fossem o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do território, elaborado pela Superintendência Regional do



Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária da Bahia,<sup>5</sup> bem como o Relatório Antropológico Complementar.

Os dois relatórios antropológicos, associados ao relatório agrônômico, levantamento fundiário e cadastro das famílias, somam cerca de 500 páginas e embasaram parecer técnico da Superintendência do Incra na Bahia favorável à delimitação e reconhecimento de Rio dos Macacos como uma comunidade quilombola. Como pode ser lido no referido documento: “em função da sua trajetória histórica própria, da sua ancestralidade negra e escrava, da opressão histórica sofrida, da identidade quilombola e do histórico de ocupação do referido território”.

Em 2011, a comunidade de Rio dos Macacos fundou a Associação dos Remanescentes do Quilombo Rio dos Macacos, auto-reconheceu-se e foi certificada pela Fundação Palmares. Por meio da associação, a comunidade procurou o Incra pedindo urgência no processo de delimitação do território, tendo em vista “situação de grave conflito” e ameaças recorrentes por parte de militares da Marinha. Dois anos antes, um pedido de reintegração de posse das terras ocupadas pelos quilombolas – cerca de 20 hectares – havia sido impetrado pela Advocacia Geral da União a pedido do Comando da Base Naval da Marinha.

A ação corre na Justiça desde 2009. Trinta e cinco moradores da comunidade são réus nesse processo. Em novembro de 2010, o juiz deferiu tutela antecipada dando prazo de 120 dias para a desocupação da área, sob pena de retirada compulsória. A Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Bahia propôs a realocação da comunidade em outro local. A proposta foi rejeitada pela comunidade, que expressou o firme desejo de permanecer na região onde viveram seus antepassados.

Os quilombolas passaram a se articular com outras comunidades, movimentos sociais e meios de comunicação. As lideranças procuraram o sindicato dos agricultores e descobriram que alguns dirigentes sindicais participaram de várias reuniões na Marinha sem a presença deles. Em entrevista para a pesquisa, a quilombola Rose Meire dos Santos Silva conta que a comunidade recorreu à

---

<sup>5</sup> Em parecer técnico anexado ao Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), o coordenador do Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas, Flávio Luiz Assis dos Santos, relata que a equipe do Incra foi impedida pela Marinha de entrar na área a ser pesquisada para fins de identificação. O Incra teve que recorrer ao Ministério da Defesa para garantir a execução do trabalho.

Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag), localizou o processo de reintegração de posse e soube que a Defensoria Pública da União já estava atuando no caso.

Disseram que a gente deveria ter dado entrada no início do processo, disseram que a gente tinha que chegar em casa, retirar as coisas e ir pra rua mesmo. Eu disse que a gente ia morrer lá e não ia sair. Mandaram a gente procurar rádio, TV, imprensa e ir pro inferno pois lá não era nosso local. Foi quando decidimos fechar a pista da base naval. Fomos com as crianças, até criança de colo. Antes de bloquear, eu ligava pra rádio, rede de TV, e ninguém atendia. Matérias que saíam diziam que a terra era da Marinha, que a gente morava em barraco. Com o bloqueio, fizeram matéria, mas saiu que a gente tinha que sair, mesmo a gente mostrando vários documentos. (SILVA, 2012)

O bloqueio da pista que dá acesso à Base Naval ocorreu em 2010, mas não foi encontrado nenhum registro midiático sobre a mobilização. As lideranças comunitárias de Rio dos Macacos afirmam que, por diversas vezes, procuraram, sem sucesso, jornalistas para serem ouvidos sobre as violações de direitos na área. A primeira rádio que atendeu ao chamado teria sido a rádio Sucesso FM, de Camaçari. Em 2011, o repórter Laércio de Souza produziu, para a emissora, uma série de matérias e entrevistas sobre a situação de Rio dos Macacos. Laércio foi assassinado em janeiro de 2012. Os quilombolas suspeitam de envolvimento dos “navais”, mas a investigação policial não apontou para esse sentido. Um adolescente foi preso e confessou o crime, supostamente motivado por vingança.

Ainda assim, segundo a comunidade, depois das primeiras matérias da rádio Sucesso FM, outras organizações sociais passaram a apoiar o quilombo, especialmente o movimento negro e o movimento de pescadores. Em busca de apoio, os quilombolas participaram em 2011 do Encontro Nacional da Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas (Conaq), no Rio de Janeiro. Lá, conseguiram estabelecer parcerias com outras comunidades e organizações como a Comissão Pastoral da Pesca (CPP), o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra (CDCN), a Associação dos Advogados dos Trabalhadores Rurais (AATR) e o Movimento de Pescadores e Pescadoras de Ilha de Maré.

Em julho de 2011, a AATR convidou outras organizações da sociedade civil, representantes do governo e do Legislativo para constituir um fórum de apoio ao quilombo Rio dos Macacos. Esse fórum iniciou o planejamento de ações específicas



para a comunidade, mas com base nas experiências de outros grupos do estado. As negociações com os poderes públicos foram se intensificando na medida em que a comunidade e a rede de apoio realizavam atos e colocavam em prática o planejamento de comunicação.

Esse planejamento tinha como estratégia geral mobilizar o movimento social para participar das ações e mobilizar a imprensa para atuar a cobertura dos atos (BRANCO, 2012). Para isso, o grupo utilizou como referência a experiência em comunicação de organizações negras de Salvador, entre elas o Quilombo Xis. Integrante do grupo, o ativista Hamilton Borges relatou que o ponto de partida foi a construção da frase “Somos Quilombo Rio dos Macacos”, conforme segue no excerto de sua entrevista que transcrevemos abaixo:

O que fizemos com os quilombolas de Rio dos Macacos foi compartilhar uma experiência da nossa organização que trabalha com a solidariedade entre comunidades negras. Fizemos uma ação que foi além da comunicação. Atuamos na arrecadação de alimentos para a comunidade que passava fome naquele momento. Ninguém consegue lutar com a barriga vazia. Passamos a fazer parte da luta da comunidade. Foi quando construímos a frase “Somos Quilombo Rio dos Macacos”. Entramos na luta com verdade. Não atuamos para aparecer na mídia, ficar bem na fita. Temos um programa de atendimento médico, com profissionais do Quilombo Xis. Fizemos captação de recursos para a comunidade, reunião com os rappers. Chamamos pessoas pra fortalecer a luta. (...) Enquanto sociólogos e militantes negros se calaram, nós escrevemos notas denunciando a situação pelo Quilombo Xis e pela campanha Reaja. Mas quem dirige nossa luta é a comunidade. Não somos líderes. Somos força auxiliar. (BORGES, 2012)

Com um aporte significativo em várias esferas – materiais e simbólicas – o Quilombo Xis atuou e atua junto ao Quilombo Rio dos Macacos em um processo de transferência de expertise. A frase concebida pelo grupo Quilombo Xis em diálogo com a comunidade quilombola Rio dos Macacos e as organizações do fórum de apoio sintetiza e serve como elemento simbólico na construção da identidade daqueles que se alinham à causa do Quilombo Rio dos Macacos, ao passo que serve de *slogan* para dar visibilidade às demandas da comunidade quilombola. Esse *slogan* foi concretizado no logotipo que segue a figura a seguir:

# SOMOS QUILOMBO RIO DOS MACACOS

Segundo o relato do comunicador social DJ Branco, esse logotipo tem sido usado em diversas mídias, sendo impresso em camisas, faixas e grafites de rua, bem como, empregado no ambiente virtual nos mais diversos contextos. Em uma pesquisa documental pudemos constatar ainda que os apoiadores da mobilização começaram a usar o logotipo como imagem e *avatar*<sup>6</sup> principal em seus perfis da rede social *facebook*. A frase também deu nome a um grupo e a uma página na mesma rede social, sob a responsabilidade de outro grupo de comunicação alternativa negra, o coletivo Comunicação, Militância e Atitude Hip Hop (CMA Hip Hop).<sup>7</sup>

Outro ícone da mobilização é o texto multimodal, realizado pelo Movimento DESOCUPA que integra o fórum de apoio à comunidade de rio dos Macacos. Nele, a foto de uma das crianças da comunidade – Gabriel – ao lado da frase principal da campanha de mobilização. É possível atribuir o impacto da composição à relação construída entre a luta de uma comunidade centenária com o futuro, o que incentiva o engajamento da sociedade à causa.

<sup>6</sup> **avatar** (francês *avatar*, descida, do sânscrito *avata*, descida do céu para a terra de seres supraterrrestres)

s. m.

1. [Religião] Na teogonia bramânica, cada uma das encarnações de um deus, especialmente de Vixnu, segunda pessoa da trindade bramânica.

2. [Figurado] Transformação que ocorre em algo ou alguém. = METAMORFOSE, MUTAÇÃO

3. [Informática] Ícone gráfico escolhido por um utilizador para o representar em determinados jogos e comunidades virtuais.

(PRIBERAM – Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Porto: Lello Editores. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=avatar>>. Acesso em: 22 jun 2013.)

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/SosQuilombolasRiodosMacacos>>. Acesso em: 1º jul 2012.



Fonte: Site do Movimento DESOCUPA. Disponível em: <<http://movimentodesocupa.wordpress.com/2012/03/06/somos-quilombo-rio-dos-macacos/>>. Acesso em: 1º jul 2013.

Em termos de material audiovisual, o fórum de apoio também realizou uma série de vídeos sob o título “Eu Sou Quilombo Rio dos Macacos”, que contam com depoimentos de artistas, *rappers*, capoeiristas, comunicadores, estudantes e ativistas da Bahia em apoio à comunidade de Rio dos Macacos. O vídeo principal no *YouTube* teve 1,6 mil visualizações (de fevereiro de 2012 a julho de 2013) e inspirou a realização de vídeos de apoiadores de outros estados que utilizaram o mesmo slogan: Eu Sou Quilombo Rio dos Macacos.<sup>8</sup>

Com o planejamento de mobilizações e comunicação em curso, o primeiro grande desafio dos quilombolas e do fórum de apoio foi derrubar a liminar expedida pelo juiz Evandro Reimão dos Reis, da 10ª Vara Federal, Seção Judiciária da Bahia, que em 20 de outubro de 2011 determinava a desocupação da área onde está localizada a comunidade. Pressionada pelos movimentos sociais, por órgãos de governo e pelo deputado Luiz Alberto (PT-BA), a Procuradoria Regional da União protocolou pedido de suspensão do cumprimento da liminar. A suspensão foi acatada pelo prazo de quatro meses, a partir de 4 de novembro (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2011).

Com a iminência do cumprimento da liminar de despejo, a comunidade de Rio dos Macacos e o fórum de apoio organizaram o ato que nacionalizou a pauta sobre a disputa de terras entre os quilombolas e a Marinha. Cientes de que a presidenta Dilma

<sup>8</sup> Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=xDEft56yRV4>>. Acesso em: 18 jul 2013.

Rousseff passaria as férias na Praia de Inema, localizada na Base Naval, os quilombolas e as organizações parceiras fizeram uma manifestação na entrada da base que teve significativa cobertura midiática.<sup>9</sup> Eles reivindicaram que a presidenta interviesse na disputa e denunciaram as ameaças dos militares pela liberação do terreno.

Essa mobilização marca diferentes aspectos da articulação dos movimentos em prol de Rio dos Macacos. A partir dele, podemos observar como a tradição da matriz africana ressoa na festa popular do bumba-meu-boi em conjunto ao pragmatismo político que deu a ver, em um momento crucial – visita da presidenta Dilma Rousseff – , as demandas dos quilombolas em nível nacional. No arquivo do fórum de apoio à comunidade de Quilombo Rio dos Macacos, tivemos acesso a fotos de vários atos, dentre eles, o evento supracitado.

#### Foto do ato em frente à base naval no dia 2 de janeiro



As imagens do ato em frente à Base Naval, no período de veraneio da presidenta Dilma, foram para as redes sociais associadas com um documentário considerado emblemático pelos quilombolas: o documentário *Quilombo Rio do Macaco*.<sup>10</sup> Dirigido pelo jornalista e diretor cinematográfico Josias Pires, o curta foi

<sup>9</sup> Em uma consulta ao banco de dados da Empresa Brasil de Comunicação, que produz clipping para representantes do Poder Público, foram encontradas duas matérias sobre o ato do dia 2 de janeiro de 2012. Uma delas no jornal Correio Braziliense e, outra, no Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tags/consulta-a-banco-de-dados>>. Acesso em: 18 jul 2013.

<sup>10</sup> Documentário disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=bwUXjUzqU6w>>. Acesso em: 20 jul 2013.

realizado em 2011 e conta a história da comunidade em quinze minutos. Lançado em uma sessão no Teatro Vila Velha, em Salvador, o filme traz depoimentos de moradores anciãos e também das jovens lideranças da comunidade.

Com as ações de comunicação em curso e a partir de denúncias de violações de direitos humanos por parte da Marinha, os quilombolas foram chamados para uma primeira audiência na Secretaria de Justiça do estado da Bahia, realizada no dia 23 de janeiro de 2012. Durante a permanência em campo, diversos quilombolas relataram que, ao retornarem desta audiência em Salvador, encontraram todos os animais de estimação mortos. As ameaças por parte dos militares foram denunciadas pelas lideranças da comunidade e entidades do fórum de apoio. Em seguida, eles organizaram um importante ato de apoio à comunidade no Teatro Vila Velha, em Salvador. Intitulado SOS Quilombo Rio dos Macacos, o ato reuniu artistas e ativistas da cidade. Na ocasião, foi lançado o manifesto<sup>11</sup> em apoio à comunidade com a assinatura de 57 organizações.

Após essas mobilizações, no dia 27 de fevereiro de 2012, as lideranças quilombolas de Rio dos Macacos foram chamadas para uma reunião com representantes da Secretaria Geral da Presidência da República, instância que tem atuado no sentido de mediar as negociações entre os quilombolas e a Marinha, além de impedir a execução das ordens de despejo por parte da Polícia Federal. Apesar desse respaldo governamental, no dia 28 de maio de 2012, membros da comunidade afirmam ter sofrido ameaça por parte de sessenta fuzileiros da Marinha.

De acordo com matéria publicada pela agência Pulsar Brasil<sup>12</sup> e republicada pelo portal Geledés<sup>13</sup> (*site* de referência em notícias sobre a população negra), os militares montaram acampamento na comunidade e ameaçaram as famílias quilombolas que estariam organizando um mutirão para a reconstrução de casas destruídas pelas chuvas. O episódio antecedeu a visita de representantes da

---

<sup>11</sup> Manifesto e lista de organizações que subscrevem encontram-se no *site* do CMA Hip Hop. Disponível em: <<http://www.irdeb.ba.gov.br/evolucaohiphop/?p=4972>>. Acesso em: 20 jul 2013.

<sup>12</sup> Notícia não está mais disponível no portal da Pulsar Brasil ([agenciapulsar.org/brasil2013/](http://agenciapulsar.org/brasil2013/)), agência informativa voltada para rádios comunitárias. No entanto, o site possui uma cobertura importante do tema, com quatro matérias publicadas de dezembro de 2012 a março de 2013.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questao-racial/quilombos-e-quilombolas/14406-rio-dos-macacos-apresentara-denuncias-a-comissao-da-camara>>. Acesso em: 20 jul 2013.



Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados a Rio dos Macacos.<sup>14</sup> Eles realizaram uma audiência pública na comunidade, ouviram os relatos de violência, passaram a atuar em defesa da titulação das terras e de assistência social por parte dos órgãos de governo.<sup>15</sup>

Os quilombolas e as organizações parceiras seguiram ampliando a rede de apoio, que passou a contar com artistas como Lázaro Ramos, Alice Braga, Marcelo Yuka, Flávio Renegado e Emicida. Este último, *rapper*, incluiu a comunidade quilombola Rio dos Macacos na dedicatória da música e do clipe “Dedo na Ferida”.<sup>16</sup> Em seu perfil do twitter, no dia em que visitou a comunidade em uma ação de distribuição de alimentos arrecadados, constava a seguinte frase: “Fui ao quilombo Rio dos Macacos. Existe minha vida antes e depois de hoje”.<sup>17</sup> Uma cena dessa visita foi registrada e publicada na página do perfil do *facebook* da comunidade e pode ser vista na reprodução que segue:



<sup>14</sup> De acordo com matéria publicada na Agência Câmara, no dia 22 de maio, representantes do quilombo Rio dos Macacos estiveram em Brasília para entregar aos deputados da Comissão de Direitos Humanos cópias de boletins de ocorrências policiais com os registros oficiais das agressões e ameaças. Matéria disponível em <http://migre.me/fyTrM>

<sup>15</sup> No dia 14 de maio de 2013, quilombolas de Rio dos Macacos tiveram uma nova audiência com a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal, desta vez em Brasília. Eles pediram apoio para o agendamento de um encontro com a presidenta Dilma Rousseff. A audiência foi noticiada pelo portal de notícias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que tem se envolvido cada vez mais com a mobilização em torno da comunidade e também já conta com os quilombolas em ocupações de órgãos públicos realizadas em Brasília e na Bahia. Matéria sobre a audiência. Disponível em: <http://migre.me/fyUn5>. Acesso em: 20 jul 2013.

<sup>16</sup> Acessado no canal *emicida*, no *YouTube*, por 1,4 milhão de pessoas no período entre 7 de março e 20 de julho de 2013. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=QdvYAjQYdIs#at=38>

<sup>17</sup> O perfil [twitter.com/emicida](https://twitter.com/emicida) conta com 386,5 mil seguidores (julho de 2013)



Fonte: Página do *facebook* SOS – Quilombolas do Rio dos Macacos.  
Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=476828792378246&set=a.169746599753135.42502.111383505589445&type=1&theater>>. Acesso em: 18 jul 2013.

Alguns artistas baianos também se envolveram intensamente com a situação de Rio dos Macacos. Além de participarem da série de vídeos “Eu Sou Quilombo Rio dos Macacos”, agendaram para o dia 8 de julho de 2012 uma leitura dramática do espetáculo *Candaces, a Reconstrução do Fogo*, montagem premiada do diretor Márcio Meirelles, encenada pela Companhia Comuns, do Rio de Janeiro<sup>18</sup>. A leitura em Rio dos Macacos seria feita por artistas do Bando de Teatro Olodum, que fariam uma exaltação da força da mulher negra, ressaltando mitos e símbolos da ancestralidade africana no Brasil.

A apresentação, no entanto, não ocorreu, pois a Marinha impediu a entrada do grupo de teatro na comunidade. Na ocasião, os artistas, ativistas e quilombolas fizeram um protesto na entrada da Vila Naval. Os principais depoimentos foram gravados e as imagens em vídeos divulgados no canal do *YouTube* do Teatro Vila Velha,<sup>19</sup> que consolidou sua parceria com a comunidade a partir da censura sofrida pelo Bando de Teatro Olodum.

A mobilização pró-quilombo Rio dos Macacos ganhou importante impulso internacional durante a Cúpula dos Povos, evento organizado pela sociedade civil global e paralelo à Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (UNCSD), a Rio+20, em junho de 2012. Representantes das comunidades estiveram presentes e aproveitaram para conceder diversas entrevistas e divulgar suas demandas. Assim pautaram dois veículos que são frequentemente citados pela rede de parceiros como referência na cobertura sobre a situação da comunidade e como multiplicadores do conteúdo sobre a situação de Rio dos Macacos: Agência Brasil (agência pública de notícias da Empresa Brasil de Comunicação) e Carta Maior (CORREA, 2012; REIS, 2012).

<sup>18</sup> Uma das referências na cobertura da situação de Rio dos Macacos, o portal Correio Nagô, ligado ao Instituto Mídia Étnica, divulgou a apresentação teatral por meio do do *blog* Correio Nago. Disponível em: <<http://correionago.ning.com/profiles/blogs/4512587:BlogPost:271545>>. Acesso em: 29 jul 2013.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://migre.me/fz13D>>. Acesso em: 18 jul 2013.

De fevereiro a agosto de 2012, o autodenominado portal de esquerda Carta Maior publicou cinco matérias sobre Rio dos Macacos. Uma delas foi produzida durante a Cúpula dos Povos<sup>20</sup> e traz o registro do depoimento de uma das lideranças da comunidade, José Rosalves. No depoimento, ele acusa os militares de ameaçar e torturar moradores. Rosalves afirma que a Marinha dificulta a entrada da imprensa para a realização de reportagens sobre a situação da comunidade e pede que o vídeo seja divulgado.

Outra referência para a cobertura da situação de Rio dos Macacos, a Agência Brasil publicou doze matérias sobre a comunidade entre março de 2012 e julho de 2013. A primeira delas relata a participação da liderança Rose Meire dos Santos Silva em seminário da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre o Dia Internacional da Mulher.<sup>21</sup> No evento, ela denunciou as agressões sofridas pelas mulheres da comunidade e as limitações impostas pela Marinha para que elas desenvolvam atividades culturais e econômicas.

Durante a Cúpula dos Povos, a Agência Brasil também publicou matérias sobre disputas de terras entre as Forças Armadas e as comunidades quilombolas. Além de Rio dos Macacos, foram mencionadas as comunidades de Marambaia (RJ) e Alcântara (MA).<sup>22</sup> Ainda na Cúpula, a Agência Brasil noticiou o pedido da ministra de Estado dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, para que a Marinha se mantivesse longe da comunidade quilombola de Rio dos Macacos. A solicitação foi anunciada durante uma coletiva de imprensa na Cúpula dos Povos, um dia antes de uma passeata pelo Aterro do Flamengo em defesa da comunidade.<sup>23</sup>

A última matéria publicada pela referida agência sobre Rio dos Macacos, em 9 de janeiro de 2013, noticiou um ato quilombola em frente à Base Naval de Aratu, durante nova estadia da presidenta Dilma na praia de Inema. Nessa matéria,<sup>24</sup> foi

---

<sup>20</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=QospJ21rpCk>

<sup>21</sup> Disponível em [http://agenciabrasil.ebc.com.br/galeria/2012-03-08/oit-reune-ministros-para-que-recebam-demandas-das-comunidades-tribais-e-indigenas?foto=AgenciaBrasil080312WDO\\_6444](http://agenciabrasil.ebc.com.br/galeria/2012-03-08/oit-reune-ministros-para-que-recebam-demandas-das-comunidades-tribais-e-indigenas?foto=AgenciaBrasil080312WDO_6444)

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-05-27/disputa-por-terras-entre-forcas-armadas-e-quilombolas-sera-tema-da-cupula-dos-povos-da-rio20>>. Acesso em: 20 jul 2013.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-06-19/ministra-de-direitos-humanos-diz-que-pediu-afastamento-da-marinha-de-area-quilombola-na-bahia>>. Acesso em: 20 jul 2013.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-01-09/comunidade-quilombola-na-periferia-de-salvador-denuncia-agressoes-da-marinha>>. Acesso em: 20 jul 2013.

mencionada a proposta do governo federal de conceder 23 hectares de terra para a comunidade, que reduz significativamente o disposto no parecer do Inbra ter recomendado a titulação de 301,3 hectares.<sup>25</sup>

Além de ouvir as lideranças de Rio dos Macacos, a reportagem da Agência Brasil procurou a Marinha para saber o que a instituição tinha a dizer sobre as denúncias de agressão aos quilombolas. A resposta emblemática sobre a visão da Marinha a respeito das ações de mobilização e comunicação dos quilombolas de Rio dos Macacos e do fórum de apoio pode ser lida no excerto da matéria que segue:

Em nota enviada à Agência Brasil, a força diz que “as diversas notícias veiculadas nos órgãos de comunicação social, tendo sempre como fonte os ocupantes irregulares, imputando a militares da MB [Marinha do Brasil] ações criminosas e ilegais, cumprem o objetivo de angariar simpatizantes à sua causa”. A nota diz ainda que “os ocupantes irregulares somente se auto-definiram como remanescentes de quilombo em setembro de 2011, quando da iminência do cumprimento do mandado judicial de desocupação”. De acordo com a Marinha, “documentos levantados evidenciam que as pessoas que atualmente ocupam o local não seriam remanescentes de quilombos”. A nota não esclarece quais são os documentos. (BRASIL, 2013)

Em outra nota oficial da Marinha,<sup>26</sup> enviada ao *blog* Bahia Notícias no dia 11 de julho de 2013, a instituição afirma que:

vem sofrendo, sistematicamente, uma campanha difamatória por parte dos ocupantes irregulares, como parte de uma aparente estratégia para sensibilizar a opinião pública e pressionar o Estado para que atenda aos seus desejos, inclusive contrariando decisão da Justiça.

O advogado da AATR Maurício Correa afirma que o fórum de apoio à comunidade quilombola de Rio dos Macacos percebeu que a estratégia de comunicação era fundamental quando teve acesso aos relatórios da própria Marinha apontando a repercussão na mídia como situação adversa.

Passamos a “criar” fatos para evidenciar a situação. A foto do Gabriel – feita pelo Movimento DESOCUPA – no selo concebido pelo Quilombo Xis. Com a reação deles e as reuniões em Brasília, começamos a furar o bloqueio da mídia do eixo Rio-São Paulo. A Agência Brasil começou a cobrir com

---

<sup>25</sup> O resultado do relatório do Inbra foi noticiado pelo portal de notícias das organizações Globo, o G1, no dia 26 de julho de 2012. Para que a conclusão do relatório fosse divulgada antes da publicação no Diário Oficial da União, quilombolas e apoiadores ocuparam a sede do Inbra na Bahia. Disponível em <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/07/relatorio-do-incra-classifica-rio-dos-macacos-como-area-quilombola-na-ba.html>>. Acesso em: 20 jul 2013.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.bahianoticias.com.br/principal/noticia/140471-rio-dos-macacos-marinha-diz-ser-alvo-de-campanha-difamatoria-e-que-terreno-e-da-uniao.html>>. Acesso em: 20 jul 2013.

frequência e era muito replicada. Esse pico de evidência se deu até 30 de agosto – comunidade sentou em Brasília, informou a situação para ONU e OEA. Até as agências estrangeiras procuraram as lideranças pra fazer matérias. Toda essa mobilização chegou na rede porque tava no mundo real. Entre as questões que contribuem para esse destaque está a violência, luta de grandes contra pequenos, casos que tem mais potencial de circular pela rede. (Correa, 2012)

Vilma Reis, vice-presidente do CDCN quando entrevistada, avalia que a mobilização em torno da comunidade quilombola de Rio dos Macacos se beneficia do fato de “existir uma geração de jornalistas negros e brancos com horror de milico, uma verdadeira aversão” (REIS, 2012). Para a ativista, esse foi o primeiro fator que fez os jornalistas pararem e prestassem atenção ao que estava acontecendo na comunidade. Ela e outros entrevistados atribuem a essa “aversão” o fato de a comunidade ser um caso bem-sucedido de *media advocacy*, ou jornalismo de defesa civil (WAISBORD, 2009). Outro fator que teria contribuído seria a existência de uma geração de jornalistas baianos, especialmente mulheres, que passaram pelas atividades de formação do movimento negro e que, hoje, estão nas redações, especialmente das mídias públicas e privadas regionais.

A importância de articular mobilização com comunicação, portanto, tem demonstrado bons resultados para a visibilidade e o empoderamento da comunidade quilombola de Rio dos Macacos. As experiências do movimento negro, camponês, pesqueiro e social como um todo da Bahia deram uma base fundamental para as ações realizadas, mas as especificidades e momento histórico da disputa entre quilombolas e Marinha ampliaram as potencialidades de reverberar a situação de embate nos âmbitos tanto nacional quanto internacional.

Apesar de não ter acesso à energia elétrica e, muito menos, à *internet*, a comunidade tem visto sua luta ser, cada vez mais, conhecida, reconhecida e apoiada. Essa percepção fica nítida na forte declaração da liderança quilombola Rose Meire dos Santos Silva, em entrevista para a pesquisa que deu origem a este artigo: “Sempre pensamos que iríamos morrer aqui lutando por essa terra. A diferença é que agora sabemos que vamos morrer, mas muita gente vai ficar sabendo”.

## 5. Considerações finais

O percurso da investigação nos permitiu verificar a emergência de um novo pensar e agir em comunicação no Brasil. Unidos em torno de uma luta de resistência, comunidades quilombolas, movimentos negros e camponeses estão reinventando processos comunicacionais a partir de ações de mobilização criativas e conectadas com as novas tecnologias. Eles atuam no “bios midiático” (CABRAL, 2010) buscando fazer deste quarto âmbito existencial um espaço de luta simbólica para redefinir hierarquias políticas e alcançar o empoderamento a partir novas práticas sociais (BOURDIEU, 1998). Os espaços midiáticos se tornaram novos territórios de batalha para comunidades há séculos empenhadas em alcançar a liberdade no sentido pleno, inclusive no que diz respeito à permanência em terras ancestrais e de usufruto coletivo.

A partir do estudo exploratório e da pesquisa de campo, verificamos que as comunidades quilombolas utilizam processos comunicacionais articulados com atividades de mobilização, visibilidade e empoderamento. O início desses processos, em geral, se dá a partir do acirramento de ameaças de despejo e ações de violência contra as comunidades. Os descendentes de africanos, que se constituíram enquanto grupo a partir de uma invisibilidade estratégica para se contrapor à escravidão, recorrem a outros movimentos sociais para constituir uma rede que se movimenta a partir identidades, adversários e projetos em comum (SCHERER-WARREN, 2006).

Os espaços de reflexão, discussão e ação construídos a partir dessa nova rede contribuem para o resgate da memória e para a autoafirmação étnica quilombola (MOURA D., 1990; MOURA G., 2012). Uma nova linguagem de ação política e comunicacional é desenvolvida com base em práticas culturais silenciadas pelos detentores do poder político e econômico. Uma vigorosa mobilização *off line* antecede a ocupação do espaço midiático. Primeiro, as comunidades compartilham informações e se fortalecem presencialmente para depois ocupar rodovias, ruas, órgãos públicos e teatros. Guerra preta, estratégia quilombola! O formato de mobilização remete a um acúmulo de experiências diaspóricas (HALL, 2003). As ações planejadas e executadas na busca por visibilidade e empoderamento trazem

consigo o histórico de vivências africanas no Brasil, marcado pelo elaboração de um valioso sistema de ataque, defesa e resistência, capaz de colocar em questão as principais contradições da ordem política dominante (MOURA, C., 1987; ANJOS, 2011).

A partir da consciência do sentido de estar e transformar o mundo, as comunidades quilombolas e sua rede de parceiros caminham para a apropriação das novas tecnologias e mostram que um outro mundo é possível (SANTOS, 2001; CABRAL, 2010), bem como novos enunciados, imagens e símbolos. Os quilombolas lançam um outro olhar sobre sua existência, capaz de gerar novos significados e valores com relevante potencial de sensibilização da sociedade (WILLIAMS, 1980). A mobilização se dá nas ruas e em comunidades sem acesso a energia elétrica. No entanto, chega ao facebook, twitter, sites e blogs com a força das demandas políticas de grupos sociais afrodescendentes e camponeses.

A rede de parceiros alimenta a rede virtual com avisos, chamadas para a ação, informações e até mesmo releases. A experiência de organizações negras, que historicamente atuam a partir de redes de solidariedade (CABRAL, 1999; GOMES, 2005; PINTO, A., 2010), transpõe-se para o espaço virtual. A partir dos meios de comunicação, tem-se “uma arma possível no enfrentamento das lutas diárias” na era da visibilidade mediada (THOMPSON, 2008). Jornalistas negras/os que de alguma forma tiveram contato com atividades do movimento negro atuam para colocar a pauta quilombola em outro patamar nos meios de comunicação, confirmando a permeabilidade do jornalismo às contradições sociais e às pressões da sociedade civil (MOTTA, 2005; PEREIRA, 2010).

As plataformas tecnológicas intensificam o fluxo e o aproveitamento de informações produzidas pela rede negra e camponesa (ADGHIRNI, 2002), apontando para a possibilidade de mudanças estruturais no jornalismo, especialmente no sentido de incorporação da lógica colaborativa de produção e difusão das notícias (RUELLAN, 2011). É a partir da atuação em rede entre as organizações e veículos de comunicação, especialmente públicos e alternativos, que novas interações e formas de agendamento emergem (SILVA, 2004).



Tal cenário, no entanto, ainda não produz alterações estruturais na agenda e ideologia propagada pela mídia privada, até mesmo pelo fato de ela estar subordinada a interesses de detentores do poder econômico e político, frequentemente situados no pólo contrário das comunidades negras e quilombolas (FERREIRA, 2004; CLAVELIN, 2011). No entanto, as ações de mobilização protagonizadas por essas comunidades começam a repercutir de maneira mais efetiva nas esferas do poder público, que já considera os blogs e as redes sociais como mídias importantes para o agendamento da opinião pública.

As tecnologias digitais confirmam seu potencial de minorar o déficit de participação política que afeta, em toda parte, as democracias liberais contemporâneas (MAIA; GOMES, 2011). Percebe-se o empoderamento das comunidades quilombolas a partir do momento em que elas, por meio de processos de mobilização, articulação e comunicação, conquistam a suspensão de ações de despejo e passam a ser consideradas politicamente a ponto do Estado abrir uma negociação para tentar uma solução mediada, como no caso do quilombo Rio dos Macacos. Para as comunidades, no entanto, o empoderamento apenas será efetivo quando suas demandas forem verdadeiramente respeitadas e atendidas.

A internet, portanto, se confirma como um âmbito existencial, um “bios midiáticos”, como sugere Cabral (2010), mas que por si só não contempla os anseios quilombolas. O vigor do ativismo e resistência histórica dessas comunidades demanda política reparatórias e emancipatórias urgentes, principalmente em outros âmbitos da existência coletiva. Nesse sentido, as pesquisas em comunicação devem se empenhar em seguir mapeando e dando visibilidade a ações engendradas pelas comunidades quilombolas e sua rede de parceiros, a partir de perspectivas afrocentradas, até para que essas experiências possam ser utilizadas para o empoderamento de outros grupos sociais da diáspora africana na América Latina e no Caribe.

## Referências

ADGHIRNI, Z. L. (2002). Jornalismo online e identidade profissional do jornalista. In L. G. Motta (Ed.), **Imprensa e Poder** (pp. 151-166). Brasília: Editora UnB.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil** – Primeira Configuração Espacial/ Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. Brasília: Edição do autor, 1999.

\_\_\_\_\_. **Quilombos: Geografia africana – Cartografia Étnica Territórios Tradicionais** – Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2009.

\_\_\_\_\_. **Territorialidade Quilombola: Fotos & Mapas** – Rafael Sanzio Araújo dos Santos. Brasília: Mapas Editora e Consultoria, 2011.

ARAÚJO, Joel Zito. **O negro na TV Pública**. Brasília: FCP, 2010.

ARRUTI, José Maurício. Mocambo: história e antropologia do processo de formação quilombola. Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. Quilombos. In Raça: Perspectiva antropológicas. (Org Osmundo Pinho). ABA/Ed. Unicamp/EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. A emergência dos remanescentes: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana – estudos de antropologia social, n.3/2, 1997.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Tradução de João Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BOLGUE, Henrique. Redes sociais ainda não mudaram a ação política, diz Muniz Sodré. **UnB Agência**. Disponível em: <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=5538>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRIN, Colette, CHARRON, Jean et BONVILLE, Jean, (dir.). **Nature et transformation du journalisme** – théorie et recherches empiriques. Laval: (FALTA EDITORA) 2004.

CABRAL, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2010.

CARNEIRO, Sueli . **Mulheres em movimento**. In *Estudos Avançados* 17 (49), 2003.

CARRANÇA, Flávio, BORGES, Rosane da Silva. **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, 2004.

CALHEIROS, Felipe Peres. **Extensão Rural, Identidade Quilombola e Vídeo: Um estudo do caso de Conceição das Crioulas (Salgueiro - PE)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural de Pernambuco, agosto de 2009.

CLAVELIN, Isabel Cristina. **Racismo em Pauta** – A pluralidade confrontada no noticiário da Folha de S. Paulo na década de 2000. Dissertação de mestrado (Comunicação). Universidade de Brasília, 2011.

FERREIRA, Ricardo Alexino. Quando a imprensa branca fala da gente negra: visão eurocêntrica da imprensa na cobertura de afrodescendentes. In: CARRANÇA, Flávio, BORGES, Rosane da Silva. **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Sindicato dos Jornalistas do Estado São Paulo, 2004.

GERALDES, Elen; SOUZA, Janara. **Um saber sobre tensão: as múltiplas visões sobre a origem, o objeto de estudo e o conceito da disciplina comunicação**. Razón y Palabra, v. 67, p. 1-22, 2009. Disponível em <http://goo.gl/f7KUc0>. Acesso em 2 de junho de 2013.

GOFFMAN, Erwin. **Frame analysis** – an essay on the organization of experience. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

GOMES, Flávio dos Santos. **Negros e política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2005.

GUTIERREZ, Carolina. **Baobá: comunicação da resistência**. Monografia de graduação (Comunicação). Universidade Metodista de São Paulo, 2009. Disponível em: <[www.mocambos.org/textos/baoba.zip/view](http://www.mocambos.org/textos/baoba.zip/view)>. Acesso: 25 maio 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

\_\_\_\_\_. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (Org.) **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.

HALLIN, Daniel C; MANCINI, Paolo. **Comparing Media Systems: Three Models of Media and Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas. Disponível em: <[http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_04/N2/Vol\\_iv\\_N2\\_333-354.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf)>. Acesso em 19 de junho 2013. 2010.

MAIA, Rousiley Celi Moreira; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco Paulo. **Internet e Participação Política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MARQUES, Carlos Eduardo. De Quilombos a quilombolas: notas sobre um processo histórico etnográfico. Revista de Antropologia, Volume 52 nº01, janeiro-junho de 2009. São Paulo, p. 339-374, 2009.

MOURA, Dione Oliveira. **A construção da memória e da identidade em filmes de cineastas negros brasileiros**. Dissertação de mestrado (Comunicação). Universidade de Brasília, 1990.

MOURA, D. O.; RAMALHO, A. Mídia e educação na era da convergência. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, ano 16, n. 698, 12 jun. 2012. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed698\\_midia\\_e\\_educacao\\_na\\_era\\_da\\_convergencia](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed698_midia_e_educacao_na_era_da_convergencia)>. Acesso em: 25 jun. 2012.

MOURA, Glória. **Festa dos quilombos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

MCNAIR, Brian. **The Sociology of Journalism**. London: Arnold. 1998.

MEDINA, Cremilda. Imprensa e racismo: espelho das contradições sociais. In: CARRANÇA, Flávio, BORGES, Rosane da Silva. **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Sindicato dos Jornalistas do Estado São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. O criador da assinatura coletiva ou dialogia social. **Anais do I Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo**. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: <[www.mejor.com.br](http://www.mejor.com.br)>. Acesso em 5 de maio de 2012).

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 3ª ed; São Paulo: Ática, 1987.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. **Intexto**, v. 2, 2007. Disponível em [www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/issue/304](http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/issue/304). Acesso 2 de abril de 2012.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em jornalismo no Brasil: o confronto entre os paradigmas midiocêntrico e sociocêntrico. **Revista Eptic On-line**, 2005. Disponível em: <[www.epitic.com.br/epitic\\_es/interna.php?c=82&ct=409&o=1](http://www.epitic.com.br/epitic_es/interna.php?c=82&ct=409&o=1)>. Acesso em 6 de maio de 2012.

NASCIMENTO, Abdias. (2002) **O Quilombismo**. Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Editor Produtor Editor. (2ªed. Brasília). Documento 7: O Quilombismo – itens Consciência negra e sentimento quilombista e Quilombismo: um conceito científico histórico-social. pp. 262-274.

RATTZ, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz nascimento**. SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Instituto Kuanza, 2007.

OLIVEIRA, Frederico Menino Bindi de. **Mobilizando Oportunidades: Estado, Ação Coletiva e o Recente Movimento Social Quilombola**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, setembro de 2009.

ORLANDI, Eni. Silêncio, sujeito, história: significando nas margens. In: ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PEREIRA, Fábio Henrique. El mundo de los periodistas: aspectos teóricos y metodológicos. **Comunicación y Sociedad**, n. 14, jan.-jun., 2010, pp. 101-124. Universidad de Guadalajara, México.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas - contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e sociedade**, v. 14, n. 1-2, 2000. Disponível em: <<http://tinyurl.com/25wwu89>>. Acesso 12 de abril de 2012.

PRYSTON, Angélica. Estudos culturais: uma (in) disciplina? **Comunicação e espaço público**. Brasília: Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação, 2003.

RUELLAN, Denis. Mudanças e continuidades estruturais do jornalismo. **Anais do I Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo**. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: <[www.mejor.com.br](http://www.mejor.com.br)>. Acesso em 3 de julho de 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 6ª Ed; Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. Atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. In: **Revista Ambiente & Sociedade**, Ano V, nº 10, 1º semestre de 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/n10/16889.pdf>>. Acesso em 29 de maio de 2013. 2010.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais na América Latina - caminhos para uma política emancipatória? **Cadernos do CRH (UFBA)**, v. 21, p. 505-517, 2008.

\_\_\_\_\_ Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, p. 109-130, 2006.

SILVA, L.M. **Jornalismo público**. Brasília: Casa das Musas, 2004.

SOVIK, Liv; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O papa negro dos estudos culturais: entrevista de Stuart Hall. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, v. Idéias, 2004.

TESSARATO, Marco Antonio de Oliveira. **Radiofusão comunitária e inclusão dos segmentos quilombolas na Paraíba: referências e análises sobre a fala ideal**. Dissertação de mestrado (Comunicação). Universidade Federal da Paraíba, 2009.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/issue/view/11>>. Acesso em 10 de maio de 2012

TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo: questões teóricas e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

WAISBORD, S. A sociedade civil pode mudar o jornalismo? A experiência do jornalismo de defesa civil na América Latina. In *Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo*, 2009.

WILLIAMS, R. **Marxismo y Literatura**. Barcelona: Ediciones Península. 1980.